



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, antes da partida para Maceió (AL)

Natal-RN, 09 de junho de 2010

Presidente: Olha, primeiro, eu acho que nós deveríamos ter paciência, para a gente constatar o óbvio. O Brasil e a Turquia fizeram o que os países membros do Conselho de Segurança da ONU não conseguiram fazer: levar o Irã para a mesa de negociação. Em vez de eles terem um comportamento de chamar o Irã para a mesa, eles resolveram, na minha opinião pessoal, apenas por birra, manter as sanções, que vão terminar não tendo nenhuma implicação para o Irã. Ora, em política, com política, a melhor maneira de você resolver um problema conflituoso é você gastar o máximo de tempo que você tiver que gastar dialogando. Vocês estão lembrados que, quando eu fui ao Irã, muita gente dizia que o Irã estava nos enganando, que o Irã não ia aceitar assinar nenhuma carta, que não ia assinar compromisso. O que aconteceu? Em 18 horas, nós conseguimos assinar uma carta, o Irã se comprometendo a cumprir aquilo que era o desejo dos membros do Conselho de Segurança, de sentar à mesa de negociação. Lamentavelmente, desta vez, quem queria negociar era o Irã e quem não queria negociar eram aqueles que acham que a força resolve tudo. Acho que foi um equívoco a tomada de decisão, acho que... Às vezes, me dá impressão daquele pai duro, que às vezes é obrigado a querer dar palmada no filho, mesmo que o filho não mereça, para dizer que “eu sou o pai”. Eu acho que o Conselho de Segurança jogou fora uma oportunidade histórica de negociar tranquilamente o programa nuclear iraniano e, ao mesmo tempo, discutir com mais profundidade a desativação dos países que têm bombas nucleares [a desativação - pelos países que já têm - das bombas nucleares].



Jornalista: Isso traz algum prejuízo para o Brasil, em relação (incompreensível)?

Presidente: Ah, nenhum, nenhum. Veja, o Brasil tomou a decisão que nós entendíamos ser necessária tomar. Nós fizemos um acordo, assinamos um documento, demos uma chance aos países do Conselho de Segurança de negociar, e eles provaram que não queriam negociar, provaram que não queriam negociar. Então, eu acho que é um episódio, na minha opinião, que enfraquece o Conselho de Segurança das Nações Unidas. Nós estamos tentando reformá-lo há mais de 17 anos, porque ele não representa mais a atualidade política do mundo. Ele representa uma correlação de forças existente em 1948, quando foi criada a ONU, e que, portanto, a geografia política e econômica do mundo mudou e nós queremos que a ONU tenha mais representatividade, que tenha gente da América Latina, que tenha gente da África, que tenha a Índia, que tenha outros países, e os senhores que são donos do Conselho não querem abrir mão, porque não querem levar ninguém para sentar à mesa e democratizar de verdade o Conselho de Segurança da ONU.

Eu fico triste, porque todo mundo do Conselho – eu já posso dizer que são meus colegas –, todos eles são favoráveis a fazer a reforma e a dizer que querem que o Brasil entre. E isso já faz 17 anos. Então, eu, sinceramente, espero que o companheiro Ahmadinejad continue tranquilo. Conversei muito com o primeiro-ministro da Turquia hoje e tomamos a decisão conjunta de votar contra, porque nós temos os nossos nomes e as nossas assinaturas em uma declaração feita em Teerã. Portanto, eu acho que as sanções foram uma vitória, como diria no Brasil, uma “vitória de Pirro”. Como diria o nosso saudoso Leonel Brizola, “isso é uma vitória de Pirro” do Conselho de Segurança.



Jornalista: Presidente, e a UPA? A UPA (incompreensível) da saúde (incompreensível)?

Presidente: Olha, na verdade, serão 11 UPAs no Rio Grande do Norte – quatro na capital e sete no interior – ainda até o dia 31 de dezembro. É um sinal importante de a gente fazer com que a saúde se dirija até onde está o povo e não o povo ter que se dirigir até a saúde. Eu até pediria para a imprensa, eu não sei se vocês foram visitar, mas, agora que está funcionando, poderia acertar com a Prefeita e vocês irem visitar uma UPA funcionando, para ver a qualidade do tratamento que as pessoas vão ter.

Jornalista: Presidente, (incompreensível) a forma de gestão da UPA?

Presidente: Olha, eu, às vezes, fico triste, porque eu acho que a gente não deveria estar discutindo a forma de gestão. Nós estamos implantando, cada prefeito tem a autonomia e cada prefeito é para implantar um modelo de gestão. Nós deveríamos estar preocupados com o seguinte: qual a qualidade de saúde que o usuário vai ter, sabe? Se o usuário tiver uma boa qualidade de saúde, não importa que seja uma OS [Organização de Saúde] ou que seja quem quer que seja, a prefeitura ou o estado. As pessoas não discutem, em nenhum momento, a qualidade de saúde que o usuário vai ter, e é isso que me importa. Eu quero que o povo seja tratado de forma extraordinária na UPA.

Jornalista: Presidente, política eleitoral. Zerada a questão de Minas Gerais entre PT e PMDB (incompreensível) Michel Temer (incompreensível)?

Presidente: Olhe, eu não sou dirigente do PT. Então, eu não estou participando do cotidiano das reuniões do PT. O PMDB vai ter convenção sábado e o PT vai ter convenção no domingo. Eu acho que já devem ter



fechado o acordo entre as duas direções. E aquilo que os dois partidos fizerem está de bom tamanho para mim.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Veja, o que nós queremos é manter a base aliada, é o que nós queremos. Em alguns lugares, você tem problemas locais, regionais, e nós temos que respeitar os problemas regionais. Mas o que é importante para nós é garantir que a base de sustentação do governo apoie a [ex] ministra Dilma para a presidência da República. Está bem? Gente, tchau, até...

Jornalista: Obrigado.

_____ : (incompreensível)

(\$31EGJLP)